

Vai explodir

22 FEV 1993

KURT PESSEK

JORNAL DE BRASÍLIA

Ninguém em sã consciência poderá ser favorável ao aumento dos impostos. Os minguados salários não suportam mais gravames, nem os menores, tipo IPMF. Mas há, quanto ao imposto sobre o cheque bancário, alguns pontos que servem de reflexão. Impedido de romper o sigilo bancário, o governo manobrou para alcançar o mesmo objetivo com outros recursos. A mola impulsadora seria o combate à corrupção, que, sob o manto do tal sigilo, corria alegre e impune em governos passados.

O segundo motivo prende-se ao primeiro na origem. As proibidas caixas dois das empresas também reinam desafiantes das garras do fisco. O terceiro, o carro-chefe dos argumentos governamentais, está na maior arrecadação para o tesouro em termos proporcionais. Mais paga quem mais tem. Esse arrazoado respalda o governo, que se sente justo, pois atinge os maiores sonegadores.

Contra o intento do governo levantam-se as lideranças empresariais — claro, auxiliadas por segmentos trabalhistas. Estranha mas justificável união. A grande arma dos empresários sempre consistiu na ameaça de fechar a fábrica e colocar na rua milhares de desempregados, órfãos trabalhistas que inexoravelmente passam a exigir das autoridades medidas para não passar fome. Deste mal sofrem todos os países

terceiro-mundistas e pior ainda os atacados pela recessão. Nos países desenvolvidos, pouco se importam os governos se isto acontecer. Há mecanismos compensatórios, antídotos, vacinas fulminantes. Aí está a GM a demitir funcionários aos milhares e nada acontece. Não é o nosso caso. Veja as estatais, o medo do desemprego em massa obriga o governo a pagar-lhes a incompetência.

Aqui não custa repisar a base do sistema monetário mundial: o dinheiro não tem pátria. E, melhor, não há barreiras que o detenham. Aprovado o imposto, o dinheiro do caixa dois, base da economia informal, transformar-se-á em moeda estrangeira, contra a qual não há defesas. Veja o caso de Santa Catarina e Paraná. Apesar de proibido, o dólar circulava livremente nos locais de turismo e até os preços das vitrines, os cardápios de restaurante e outros são informados em dólares. E o fisco fica a ver navios, não há nota fiscal para transações desse tipo.

Pode-se inferir que o dinheiro dos bancos, em passe de mágica, transformar-se-á em moeda estrangeira. Em outras palavras, o governo pouco arrecadará. Baseado nesse motivo, o ministro da Fazenda já pensou em "âncora cambial". Artifício de linguagem que significa a dolarização de nossa moeda. Não se sabe de modo preciso

como será o sistema ancorado. Mas pode-se concluir da necessidade em permitir-se o depósito bancário em dólares, sobre o qual incidirá imposto menor que o IPMF. O processo consiste em se depositar em moeda estrangeira e receber naquela moeda, menos o imposto.

De qualquer modo, alguma coisa deve ser feita e urgente para impedir a evasão da moeda. E isto só é possível com atrativos, que o digam os juros elevados. Eles permitem a entrada do capital pirata, meramente especulativo, que retorna gordo e saudável após pequena estada nos negócios das bolsas de valores nacionais.

Enquanto discutimos a maquiagem e as regras de negociação da economia deixamos de lado a força do trabalho, a verdadeira geradora de recursos. Minguam aceleradamente as pequenas e médias empresas por falta do poder aquisitivo da população. A produção para consumo interno diminui a olhos vistos e a força de trabalho não é conduzida para a produção. E, sem produção, a cada dia ficamos mais pobres. Mas o povo fica satisfeito ao ganhar trinta por cento nas cadernetas de poupança, de forma ilusória. Sem dúvida alguma, vai explodir.

■ Kurt Pessek é escritor